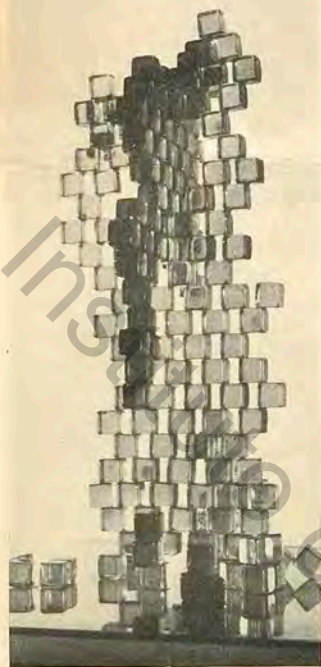
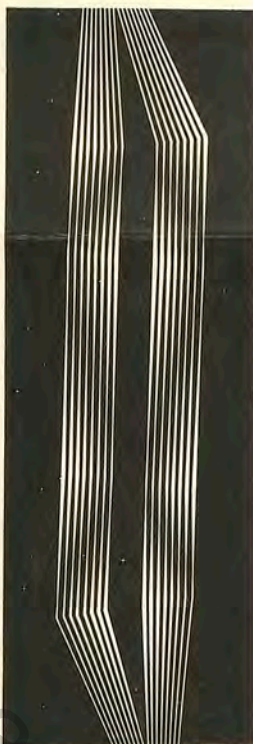


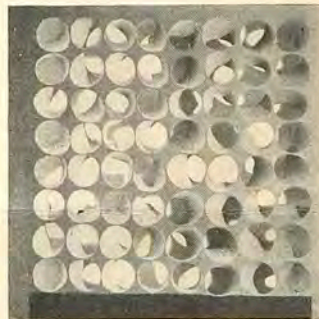
OP-CRETTOS ?



Fejer — Impacto n. 3 — 1966



Charoux — Desenho n. 6 — 1966



Kühn — Problema do Reflexo n. 5 — 1966



Silvia Mara — Desenho n. 3 — 1966

No dia 15 deste mês o Museu de Arte Contemporânea reabriu seu acervo. Na mesma época inaugurou a exposição "seis pesquisadores visuais". São eles: Hermelindo Fiaminghi, Lhotar Charoux, Sylvia Mara Gueller, Kazmer Fejer, Alberto Aliberti, Heinz Kühn. Em entrevista-debate com Artes: definem sua posição dentro da arte contemporânea e discutem a problemática de seus trabalhos.

ARTES: — Qual o denominador comum que existe entre os seus trabalhos, que justifique a exposição conjunta que realizam no Museu de Arte Contemporânea?
Aliberti — Acredito que formamos um grupo homogêneo somente quanto à filosofia que adotamos em relação à nossa arte.

Fejer — Na verdade não formamos um grupo. Tanto é assim que os artistas que expõem comigo tomaram conhecimento do que eu ia apresentar somente na época da organização da exposição do MAC. Antes não tinham idéia.

Fiaminghi — Não temos um passado comum. Pela primeira vez expomos juntos. Nem mesmo conhecíamos Silvia, que infelizmente hoje não está aqui.

Fejer — Por isso encontramos grande dificuldade em encontrar um nome para a exposição. Qualquer nome que escolhêssemos iria nos catalogar como grupo. Queríamos evitar que isto acontecesse, porque nossos problemas são individuais e não admitem soluções coletivas. Se existe semelhança entre nossa arte é simplesmente por acaso.

Charoux — Sim, cada um resolve seus problemas individualmente. Mas, sem dúvida, a arte de todos nós é uma arte construída.

Kühn — Não podemos negar que trabalhamos também com a visualidade, com problemas ópticos.

Fejer — Acho que estamos dando voltas em torno do problema sem quereremos chegar a ele. Nossa arte é baseada na geometria, não usamos recursos informais ou tachistas, utilizamos as soluções do concretismo para chegarmos a uma criação mais livre. Em última análise a linguagem ainda é concreta.

Kühn — É verdade, temos um ponto na arte óptica e outro no concretismo.

ARTES: — O termo "construída" para a arte é muitas vezes usado com um sentido mais geral. O que significa ele para vocês?

Kühn — Trabalhamos mais com a cabeça. Nossa parte de execução é pequena. Não somos artistas no sentido tradicional. Eles precisavam ter a técnica das pineladas etc.

Fejer — Discordo. Na escultura clássica, por exemplo, havia uma idéia prévia, um preconcebimento.

Aliberti — Sim. Mas, em resumo, acho que arte construída é antes de tudo uma arte pensada, uma arte conceitual.

ARTES: — Kühn falou em problemas ópticos. Falando em óptico pensa-se em op. Qual a relação de suas realizações com as da op-art?

Kühn — Não estamos dentro da op-art. Fiaminghi — A op é uma fração do que já fizemos e faz disso seu cavalo de batalha. Entretanto, os artistas a ela pertencentes usam de truques que não usamos. Quanto às pesquisas visuais já as fazíamos há muito tempo. Posso dizer ainda que o que faz a op não é mais que close-up de detalhes concretistas.

ARTES: — Por falar em concretismo alguns de vocês pertenceram a esse movimento. Qual a relação da arte concreta com a problemática de suas criações atuais?

Fejer — Foi no concretismo que encontrei um formalismo que me permitia fazer novos e novos tipos de arte.

Kühn — Cada geração de uma dada época e civilização tem um ponto de vista. O concretismo é um modo de visão da nossa época. Se usamos este formalismo é porque é a linguagem de que precisamos, é a linguagem que nos serve.

Charoux — Sim, mas é preciso dizer que o concretismo de antigamente era rigoroso, ortodoxo. Isto acabou. Hoje cada qual segue sua tendência geométrica sem se apegar a conceitos de escola.

Fiaminghi — Houve evolução. Charoux, exemplo, evoluiu muito no sentido óptico.

Fejer — Pois eu sou concreto, mas não ortodoxo. Como o era há dez anos atrás.

Kühn — Você não está certo. Os tempos mudaram.

Fejer — Mas, minha vida continua tão válida quanto à dos jovens. Faço minha arte com minha juventude, a juventude de um homem maduro.

ARTES: — No tipo de arte a que vocês se dedicam a cor e a luz têm papel fundamental. No caso de cada um de vocês são usadas de modo diferente, visando a solução de problemas diversos.

Fiaminghi — No meu caso, por exemplo, posso dizer que o caminho que trilho não é novo, mas diferente. Se usei aparelhos eletrônicos, não é por isso que fiz alguma coisa de novo. Preocupou-me com o problema da luz. Os impressionistas também se dedicaram a ele. Quiseram obter efeitos luminosos e para isso usaram dos pigmentos. Eu uso a luz para obter resultados. Emprego a impressão heliográfica para registrar o efeito que a luz produz com transparência. Com a luz construo uma forma e a luz determina uma cor. Aceito a cor que a luz me dá. Não reproduzo seu efeito, registro-o, assim como os impressionistas o fizeram através dos pigmentos.

Kühn — Em geral, acredito que os problemas ópticos sejam o resultado do que captam os nossos olhos em luz e cor. Em alguns dos meus trabalhos calculei os ângulos de incidência e de reflexão da luz de tal forma que as superfícies colaterais ao plano de reflexão mudem de cor. Construo objetos com vários planos e deste modo obtenho cores impossíveis de se obter por outros meios. São justamente as cores da natureza. Vermelhos, azuis, naturais.

Charoux — Eu, por minha vez, procuro através da linha e da cor obter vibrações e novos efeitos que criam movimento e novas impressões. Certas cores e linhas quando justapostas originam não só movimento, mas também novas cores. Muitas vezes surge uma movimentação que não passa de ilusão de óptica. Há pessoas que não suportam fixar a vista em tais quadros. Este efeito não é intencional da minha parte. Nem tampouco é novidade. Para bem dizer, vim do academismo, passei pelo abstracionismo lírico e cheguei a este tipo de trabalho — concreto — que por muito tempo me tem sido satisfatório. Faço um desenho que é quase pintura. Pretendo ampliar minha arte no sentido da escultura. Mas sempre dentro da arte concreta.

Fiaminghi — Os problemas divergem muito. Aliberti, por exemplo, tem um problema que não é pop, op etc., mas é arte. Não é música, mas é som. Trata-se de uma caixa de uma espécie de flocos brancos. Duas bolas sobem, recebem luz, transmitem o efeito luminoso e murcham. No esvaziar e no encher emitem sons. E os flocos da caixa movimentam-se como uma massa, um todo.

ARTES: — Os materiais usados por vocês quase nunca são os tradicionais. Baseiam-se muitas vezes nas matérias plásticas. Quais os valores que encontram nestes novos materiais?

Kühn — O estiropor (poliestireno expandido), por exemplo, tem um branco sintético, translúcido, que não é dado por nenhum pigmento branco. Além disto, é plano, leve e reflete luz. Trabalho há três anos com este material, usando sobre ele as tintas da química moderna.

Fejer — Estes materiais, entretanto, só devem ser usados quando exigidos pela obra. Fazer uma escultura empregando plástico quando ela pode ser de ferro, é absurdo. Eu, em particular, uso o plástico quando jogo com transparência, com reflexão etc.

Aliberti — Discordo. Pode acontecer o caso contrário. O material sugere a obra. Uso brasilite (cimento amianto) quando o estado em que eu o encontro me faz sentir uma forma para ele. Se deparo com um material que por si só já apresenta uma elaboração da qual posso tirar um efeito melhor do que se eu o trabalhasse, então aproveito-o. Se quero uma ondulação de telha, pego uma telha.

ARTES: — No que diz respeito ao aspecto conceitual, a matemática entra de alguma forma neste tipo de formalismo?

Fejer — Um pensamento matemático pode realmente ter alguma coisa com arte. Mas arte visual não é arte matemática. Vi Max Bill deduzindo equações para suas curvas. É um absurdo. Cubo usado em arte não é geometria. Arte e ciência são duas atividades humanas distintas, que não podem ser misturadas.

Kühn — Mas, em todo o caso, a matemática é a base de nossa vida e de nossa arte.